

O problema dos milagres: uma perspectiva histórica e filosófica

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

O ceticismo moderno em relação aos milagres evangélicos se afirmou pela negação da natureza milagrosa dos eventos. Logo em seguida, porém, a historicidade dos próprios eventos foi negada. Por trás deste ceticismo estava a concepção abrangente de um mundo-máquina newtoniano, os argumentos de Espinoza contra a possibilidade dos milagres e os argumentos de Hume contra a identificação dos milagres. Contrapostas a estes ataques estavam as defesas dos milagres escritas por Le Clerc, Clarke, Less, Paley, dentre outros. Avaliação do debate mostra que, contrariamente à concepção newtoniana, milagres não deveriam ser entendidos como violações das leis da natureza, mas como eventos naturalmente impossíveis. Contrariamente a Espinoza, a admissão de milagres não serviria para subverter a lei natural e a possibilidade de que um milagre é resultado de uma lei natural desconhecida fica minimizada quando os milagres são numerosos, diversos, memoráveis e singulares. Contrariamente a Hume, é forçado ou inválido afirmar que a experiência uniforme é aversa aos milagres.

"The Problem of Miracles: A Historical and Philosophical Perspective", em *Gospel Perspectives* VI, ed. David Wenham e Craig Blomberg. Sheffield: JSOT Press, 1986, pp. 9-40.

O colapso da crença em milagres no século XIX

São dois os passos a seguir para estabelecer que um milagre ocorreu, segundo Gottfried Less, professor de teologia em Gottinga, em sua obra *Wahrheit der christlichen Religion* (1758) [A verdade da religião cristã]: primeiro, é preciso determinar a historicidade do evento em si e, segundo, é preciso determinar o caráter milagroso do evento. [1] Durante o século seguinte, a viabilidade destes dois passos passou a ser encarada com ceticismo, o que levou ao colapso geral na teologia alemã da credibilidade das histórias de milagres dos evangelhos.

Negação da natureza milagrosa dos milagres dos evangelhos

O primeiro a ir embora foi o segundo passo. Os racionalistas alemães do fim do século XVII e começo do século XVIII estavam dispostos — sim, por vezes até ávidos — a aceitar a historicidade do evento em si, como pedido no passo um. Empenhavam-se, porém, em propor uma explicação puramente natural para o evento, solapando, portanto, o passo dois. Dado que eventos com causas sobrenaturais não ocorrem, deve justamente haver alguma explicação disponível do ponto de vista de causas meramente naturais. Assim, Karl Bahrtdt, em sua obra *Ausführung des Plans und Zwecks Jesu* (1784-92) [A realização do plano e objetivo de Jesus], explica a multiplicação dos pães para os 5000 postulando uma despesa secreta de pães que Jesus e seus discípulos distribuíram à multidão; sua ressurreição de mortos era na verdade a reanimação de um coma, evitando, então, o sepultamento prematuro. Esta última explicação forneceu a chave para explicar a ressurreição do próprio Jesus. Já pelo fim do século XVIII, a hipótese do roubo, tão cara ao deísmo, aparentemente perdera quase toda a credibilidade, sendo necessária uma nova explicação. Isto o racionalismo alemão encontrou na teoria da morte aparente (*Scheintod*). De acordo com Bahrtdt, a

morte e ressurreição de Jesus foram uma farsa tramada pelo próprio Jesus para convencer as pessoas de que ele era o Messias.

O decano da escola da explicação natural foi, no entanto, com toda certeza H. E. G. Paulus, professor de teologia em Heidelberg. Em suas obras *Philologisch-kritischer und historischer Kommentar über das Neue Testament* (1800-02) [Comentário filológico-crítico e histórico do Novo Testamento], *Das Leben Jesu, als Grundlage einer reinen Geschichte des Urchristentums* (1828) [A vida de Jesus como fundamento de uma simples história do cristianismo primitivo] e *Exegetisches Handbuch über die drei ersten Evangelien* (1830) [Manual exegético dos três primeiros evangelhos], ele aperfeiçoou a arte de explicar naturalisticamente os elementos milagrosos nos evangelhos, retendo ao mesmo tempo a adesão cuidadosa à letra do texto. Panteísta que aceitou o dito de Espinoza “*Deus sive natura*” [Deus ou natureza], Paulus rejeitava todos os milagres *a priori*. Embora insistisse firmemente que o ponto principal de sua *Leben Jesu* não era descartar os milagres, [2] é ainda assim verdade que ele se esforçou bastante para fazer exatamente isto, e é sobretudo por tal esforço que ele é lembrado. De acordo com Paulus, milagres não são o importante, mas, sim, o espírito de Jesus conforme visto em seu pensamento e ações. [3]